



ARTIGO

Consolidação de um sistema estadual de Pesquisa, Extensão e Inovação Rural: uma aposta no futuro da agropecuária pernambucana

José Geraldo Eugênio de França¹
Gabriel Alves Maciel²

O estado de Pernambuco tem sua história com fortes ligações ao setor agropecuário. A primeira cadeia produtiva a se desenvolver foi a da cana-de-açúcar e não é surpresa que o valor do açúcar à época levou a Holanda através da Companhia das Índias Ocidentais tentar a conquista da terra e, por quase 30 anos, se fazer presente no Nordeste do Brasil. O curioso é saber que, durante a primeira metade do século XVII, Pernambuco teria sido a mais importante província do Brasil colonial.

Por muito tempo, basicamente três séculos, as principais atividades do agro pernambucano estavam concentradas no setor sucroalcooleiro, na pecuária de corte extensiva, na agricultura de subsistência e na exploração da Mata Atlântica e da Caatinga como fonte de lenha, carvão, matéria prima para a construção civil e para a indústria moveleira.

Somente a partir dos anos 60 do século passado, três outras atividades se destacaram de forma relevante do ponto de vista econômico no estado. A pecuária de leite e de corte, a primeira concentrada no Agres-

te, enquanto que a segunda consolidando-se como opção para a Zona da Mata em áreas remanescentes de cana-de-açúcar; a Fruticultura irrigada no vale do Rio São Francisco e a Avicultura de corte e postura, na Mata Norte, Agreste Setentrional e Agreste Meridional e, hoje expandindo-se ao Sertão do Pajeú.

Há um segmento muito forte do ponto de vista social e para a economia local que são as atividades relacionadas à agricultura familiar, fundamentalmente representada pelos produtores de hortaliças e pomares ao redor da região metropolitana de Recife e brejos de altitude; por uma produção de mel, sendo que parte do Sertão e Agreste do estado que ainda não conseguiram criar uma identidade própria e atividades em expansão no mundo rural tais como a avicultura doméstica (galinha caipira ou de capoeira) e a produção aquícola de peixe e camarão em águas do interior.

Demanda Tecnológica

Dentre as cadeias produtivas citadas, a história da demanda e do atendimento tecnológico tem aspec-

tos diferenciados que merecem ser destacados, bem como o que tem representado a FACEPE neste processo.

1. Cadeia produtiva do setor sucroenergético – Desde o início as ameaças fitossanitárias têm sido uma constante. Até o início do século XX, normalmente supridas pela substituição de cultivares a partir de introduções de materiais de outros países produtores, assim foi o caso das variedades Caiana e CO 331. Já a partir da segunda metade do século passado, esta demanda passou a ser resolvida por programas nacionais de melhoramento genético de cana-de-açúcar, como os do IAA – Instituto do açúcar e do Álcool, onde a mais relevante de todas as cultivares foi a CB 45-3, do IAC – Instituto Agrônomo de Campinas, seguindo-se do Planalsucar que deu origem a atual RIDESA – Rede Interuniversitária de Desenvolvimento de Cultivares de Cana-de-açúcar, cuja seccional de Pernambuco é da responsabilidade da UFRPE – Universidade Federal Rural de Pernambuco. Vale notar que um dos capítulos mais relevantes do uso do controle biológico de pragas agrícolas se deu em Pernambuco a partir da identificação do fungo entomopatogênico (*Metarhizium anisopliae*) e seu cultivo e aplicação no controle da cigarrinha da cana-de-açúcar (*Mahanarva posticata*), pela pesquisadora Maria de Lourdes Aquino e equipe, primeiro na Codecap – Comissão de Defesa da Cultura da Cana-de-Açúcar de Pernambuco, depois no IPA.

2 Cadeia produtiva da pecuária bovina – Neste setor, dois segmentos produtivos se encontram. A pecuária de leite, tendo como base genética animais da raça holandesa e de cruzamentos desta raça com algumas raças zebuínas, destacando-se as raças Gir e Guzerá. Duas marcantes contribuições ao setor, o programa de melhoramento genético do gado holandês e do gado girolando, há décadas liderados pela equipe do IPA e a introdução, melhoramento e manejo da palma forrageira, ao longo de cinco décadas mantido pelo IPA, com a participação fundamental de instituições como a UFRPE, a Embrapa Semiárido, a SUDENE e o BNB têm recebido o apoio da FACEPE e constituem características específicas de bacias leiteiras dos de Alagoas, Pernambuco, Paraíba e do Ceará.

1. Já ao que se refere ao gado de corte, os resultados de pesquisa aplicados tais como a

introdução dos capins Buffel, Tanzania, Pango-la e Pangolão tem sido objeto de pesquisadores pioneiros do IPA, UFRPE e Embrapa Semiárido, bem como o cultivo consorciado de leguminosas forrageiras como a Leucena, a Gliricídia e o Feijão Guandu. Quanto à genética, destaca-se a predominância em caráter nacional e, nas últimas duas décadas no semiárido brasileiro da raça Nelore ou seus cruzamentos com outras raças de corte ou do gado local.

2. Cadeia produtiva da fruticultura irrigada – Tem como traço próprio a localização no sub-médio São Francisco, destacando o espaço entre Petrolina e Floresta do Navio. As principais frutas exploradas são a uva de mesa e de vinho, a manga, o coco, a goiaba, a acerola, o melão e a melancia. Sendo a uva de mesa e a manga as mais destacadas como produtos para o comércio exterior. Estas duas espécies, através dos esforços da Embrapa Semiárido, em particular, vêm contando com o apoio da FACEPE em várias de suas atividades, quer no campo agrícola, quer no que se refere à aspectos pós-colheita. É uma área de elevada dinâmica inovativa. Tem interação com vários ecossistemas produtivos em todo o mundo e a capacidade de introduzir tecnologias mantendo-se atualizada em vários aspectos. Destaca-se a contribuição da iniciativa privada na busca de soluções e mercados.

3. Cadeia produtiva da avicultura – Pernambuco conta com uma avicultura forte seja no segmento de carne como de postura. Uma atividade econômica que mais se caracteriza a uma 'montadora' ou uma indústria cujos componentes principais são importados de outras regiões ou países. Até o presente a contribuição endógena da pesquisa tem sido limitada e as inovações são objeto de adoção especialmente pelo contato com outros centros produtores e a demanda do mercado. A cadeia pode dar um passo à frente desde que possa participar do mercado de exportação de frango, contudo diversos impedimentos de ordem logística devem ser resolvidos para que isto possa ocorrer. Pernambuco é o principal estado na região Nordeste na produção de carne de frango e ovos e o quinto mais importante produtor no país. Há um segmento no qual a pesquisa e desenvolvimento pode contribuir que é o nicho

da galinha de capoeira, ou caipira. Uma atividade fundamentalmente destinada à pequenos produtores e com uma forte aceitação no mercado consumidor regional.

4. As demais atividades, juntas, perfazem menos de 20% do valor econômico do agronegócio de Pernambuco. Têm uma grande importância social mas merecem um apoio mais dirigido de modo a tornar o pequeno produtor um empreendedor não dependente das políticas públicas de suporte governamental.

Desafios

Em um momento crítico que passa o país com a pandemia do Covid 19 assolando a economia, com danosas implicações sobre a saúde humana e o convívio social, testemunhou-se no segundo trimestre de 2020 uma verdadeira mudança no operacional de várias atividades econômicas, entre essas, a compra e venda de produtos que constituem uma cadeia produtiva, o isolamento social e seus efeitos positivos, do ponto de vista de saúde e limitantes ao se tratar das atividades econômicas, o incremento do 'home office' e o reposicionamento da produção empresarial ou familiar, a manutenção e a expansão dos mercados tradicionais ou não.

Da necessidade de se contar com um sistema estadual de Pesquisa e Inovação em apoio ao agronegócio

O estado conta com um histórico de ensino técnico e pesquisa invejável. Sua primeira escola de Agronomia, em Olinda, foi fundada em 1912, depois transferida para o engenho Tapera, em São Lourenço da Mata, resultando na UFRPE – Universidade Federal Rural de Pernambuco, cujo principal Campus encontra-se instalado em Recife.

Uma outra universidade fortemente caracterizada por suporte às ciências agrárias, é a UNIVASF – Universidade Federal do Vale do São Francisco contando com Campus nos estados de Pernambuco, Piauí e Bahia, mas seu principal Campus e Reitoria estão localizados em Petrolina.

Há dois anos uma terceira universidade diretamente envolvida com as áreas agrárias e alimentos foi

estabelecida no município de Garanhuns, fruto da elevação ao grau de Universidade da Unidade então pertencente à UFRPE.

Seu principal instrumento de pesquisa, inovação e extensão rural, o IPA, fundado em 07 de setembro de 1935, por vontade de um governador visionário, Carlos de Lima Cavalcanti, teve como seu primeiro presidente um jovem pesquisador originário do Jardim Botânico, do Rio de Janeiro, Álvaro Barcelos Fagundes, que havia concluído seu mestrado na Universidade de Rutgers, nos Estados Unidos, no início dos anos 30 do século passado.

Vale salientar que, no estado encontra-se instalado um centro de pesquisa da Embrapa – Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária de extrema relevância, a Embrapa Semiárido que em se tratando de número de pesquisadores equivale a um outro centro do sistema CGIAR, o ICRISAT – International Crops Research Institute for the Semi-Arid Tropics, localizado em Patancheru, no estado de Andhra Pradesh, na Índia. A Embrapa conta ainda com uma sub-unidade da Embrapa Solos, a UEP Recife, cujo principal foco é voltado a estudos relacionados a zoneamento de risco climático, mapeamento de solos e recursos naturais.

Nas últimas duas décadas com o fortalecimento do sistema dos Institutos Federais de Educação, contando o estado com o Instituto Federal de Educação de Pernambuco e o Instituto Federal de Educação do Sertão, em vários de seus campi oferecem cursos das áreas agrárias e de alimentos, administração, economia, engenharia agrícola. Atualmente o estado de Pernambuco conta com oito cursos de Agronomia, além do apoio em profissões e linhas de pesquisa relacionadas ao agro existentes na UFPE – Universidade Federal de Pernambuco, UPE – Universidade de Pernambuco, UNICAP – Universidade Católica de Pernambuco e diversas escolas privadas e fundações educacionais.

A otimização da capacidade instalada não deve ser dependente de um planejamento individual de cada uma das instituições, mas merece uma atenção especial por parte do governo do estado em fazer com que haja a construção de um Sistema Estadual de

Pesquisa, Extensão e Inovação Agropecuária de modo que as áreas científicas tradicionais conversem entre si e se otimize o atendimento a demandas atuais e futuras do agronegócio do estado. Os desafios a serem enfrentados a partir deste momento são múltiplos, destacando-se o acesso a internet aos empresários, independentemente do tamanho, uma recapacitação dos professores, pesquisadores e técnicos relacionados ao mundo rural e do negócio agrícola e um esforço no suporte à logística de transporte.

Em geral o que se propõe não é um ente que retire a liberdade de pensamento ou ação mas que leve os diversos atores a um nível de integração mais elevado, de modo que os recursos a eles dirigidos possam resultar em inovação, ganhos de produtividade e agregação de valor às principais cadeias produtivas e aquelas que compõem a agenda do agro pernambucano.

Este ente de planejamento deve contar com a representação institucional e empresarial, em particular dos setores mais relevantes da economia estadual, a partir do qual há condições de se analisar, contabilizar as agendas institucionais, propor iniciativas e apoiar as instituições de ensino, pesquisa, extensão e inovação na obtenção de recursos, facilitando negociações com as principais cadeias de valores que apesar dos avanços demandam e demandarão tecnologia atual com o mundo competitivo e concorrente.

1. Pesquisador do IPA, PhD em Agronomia pela Texas A & M, USA.

2. Pesquisador do IPA, PhD em Agronomia pela Universidade do Estado do Kansas, USA.

